

PIM PAM PUM



DIRECTOR: AUGUSTO

DE SANTA-RITA

PANTALEÃO PEQUENO HEROI SERENO e MACARENO

Por FERNAND'ALMIRA

(Continuado do número anterior)

DOUTRA vez o nosso herói, já piloto *brevetado*, resolveu tomar parte num *Rallye*, ou prova desportiva, para o qual se pode partir de qualquer aeródromo; sendo o término da prova uma pista designada de ante-mão, onde se reúnem todos os aparelhos.

Estava o nosso Pantaleão *ates-tando* de gasolina o aparelho, já pronto para partir, quando um dos mecânicos, que estava fazendo a *afinação* do motor, começou entrando «de semana» com o nosso homem, ridicularizando-lhe a inseparável *labita*:

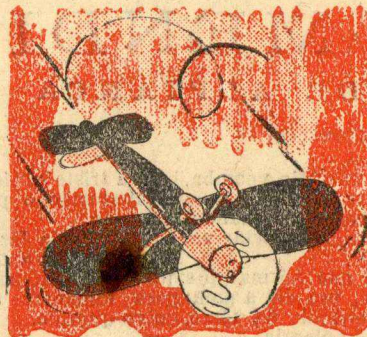
— «O' senhor Pantaleão, olhe que essa coisa de ir com as abas do fraque a aparecer e chapéu de côco por baixo do *passa-montanha*, não está a caracter com a *combinação de vôo*...»

— «Olhe, meu amigo, quem vai para o ar avia-se em terra... Portanto, vou para o *Rallye* de côco e fraque e... não se *rallye* com isso!...»

— «O Senhor está a ser um tanto

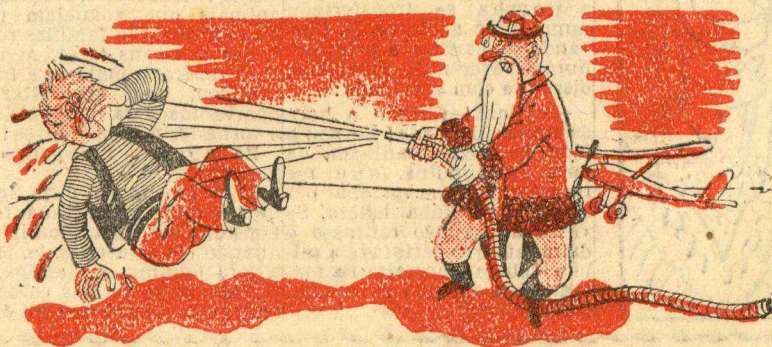
insolente, ó seu Pantaleão das dúzias! Se o senhor não fôsse tão pequeno... tão pequeno...» e o mecânico fez-se escarlate de indignação e agarrou, com mais força, na *chave inglesa*.

— «Sou Pequeno de nome mas grandes nas acções!...» e Panta-



leão, com tôda a sua fleugma, fillia dilecta da sua *colossal* serenidade, virou a mangueira da gasolina contra o pobre mecânico intrometido, enquanto acrescentava, com a sua paz de espírito, cem por cento serena e macaréna:

— «E' nesta moeda que um no-



bre descendente da Casa dos Pequenos, do Campo Pequeno, paga aos seus vassallos... a-pesar da gasolina estar pelos olhos da cara!»

E, *ligando o motor*, partiu a duzentos à hora, no seu avião de turismo, o «Há-de ser o que Deus quiser.»

Pantaleão ia entusiasmadíssimo. Era a primeira vez que tomava parte numa prova desportiva.

la alegre, cantarolando uma canção em voga. A *étape* era longa e o nosso piloto, abstraído-se cada vez mais da paisagem, ia, pouco a pouco, entregando-se à sua cantiga predilecta, que trauteava, e dançava, saltitando sobre a cadeira da



carlinda. Passados momentos, quem observasse de longe o avião, notaria que êle estava executando umas estranhas viragens e reviravoltas no ar. Na passagem dos vários pontos de *controle*, foi da mesma forma verificado o facto. O avião do concorrente N.º 13, continuava uma ligeira dança no espaço, que não se sabia a que atribuir. Não era avaria no aparelho e tão pouco era virtuosidade aérea, que o regulamento da prova não permitia.

O júri resolveu, finalmente, desclassificar o aparelho do Pantaleão Pequeno, não obstante o N.º 13 ter feito uma bela prova, que lhe teria dado o primeiro lugar.

O «Há-de ser o que Deus quiser» continuava cabriolando sobre o campo. Os outros aparelhos queriam aterrar, mas as mirabolantes avarias de Pantaleão, mesmo sobre a pista, tornavam impossíveis e perigosas quaisquer tentativas para tal.

Fizeram-lhe sinais para que descesse, enviaram-lhe *foguetes very-light* para lhe chamarem a atenção e... nada!

Pantaleão não aterra nem à mão de Deus padre.

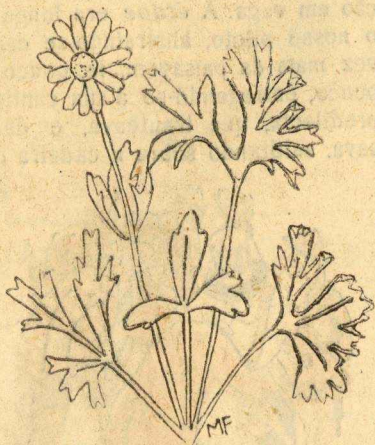
(Conclui na página 7)

NO MUNDO DAS FLORES

DESENHOS PARA COLORIR

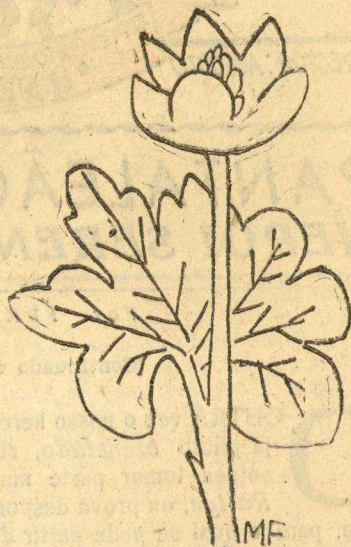
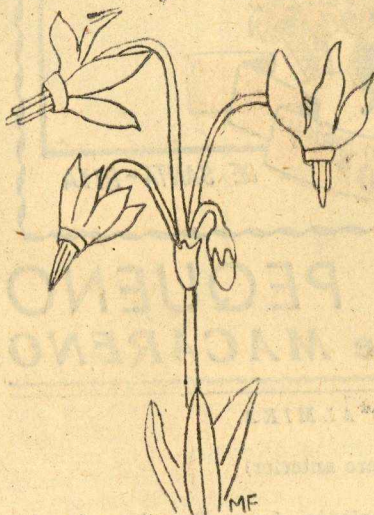
Anemone caroliniana

Pétalas de cor azul clara. Estames amarelos. Folhas verdes.



Sanguinaria canadensis

Caulo amarelo. Folha verde. Pétalas brancas. Estames amarelos e encarnados.



Dodecatheon meadia

Corola vermelha, excepto na extremidade que é amarela. Estames róxeos. Folhas e sépalos verdes. Pedicelos encarnados.

FOLHETIM DO PIM-PAM-PUM

A FALSA MENDIGA

Por MARIA DE ALPIARÇA

(Continuação)

Cogitando nestas coisas, a princesa continuava a esperar com impaciência o regresso da pomba, até que as incertezas do futuro a levaram à cama, doente; e, no meio das suas mágoas, perguntava à sua aia:

— «Flórbela: já lá vem a pomba?»

A condessa ia perscrutar o horizonte, até ao alcance visual, dizendo, depois com desânimo:

— «Alteza, não vejo a pomba, nem a sombra!»

Aqui morreremos abandonadas! — gemia a princesa, desalentada.

Mas como não há mal que sempre dure, um dia a pombinha deu entrada na torre, esvoaçando de alegria.

Trazia presa a uma perna uma carta do rei, prometendo à filha que muito breve sairia com o seu exército para lhe libertá-la e dava-lhe tam-

bém a triste notícia de haver desaparecido o príncipe Florimundo.

Esta notícia fez verter muitas lágrimas à princesa, esquecendo o próprio infortúnio, para lamentar a perda do noivo querido.

Para a consolar na sua dor, a pombinha ia visitá-la todos os dias, pousando-lhe docemente no regaço, acarinhando-a com o bico.

Um dia, a princesa, passando a sua mão patriciã pela cabeça da pomba, achou ali espetado um pequeno diamante.

Com carinho, retirou-lhe da cabeça o precioso bico, e qual não foi o seu espanto quando a pomba se transformou numa linda adolescente. Curvando-se perante a princesa, numa reverência palaciana, disse-lhe com gravidade:

— «Alteza! Chegou a hora da nossa liberdade! Eu sou a fada Bemfazeja, afilhada da fada Furibundina, que me transformou em pomba por inveja da minha beleza. Se vossa alteza não retirasse o diamante que perfurava a minha cabeça, morreria na me-tamorfose em que me encontrava.

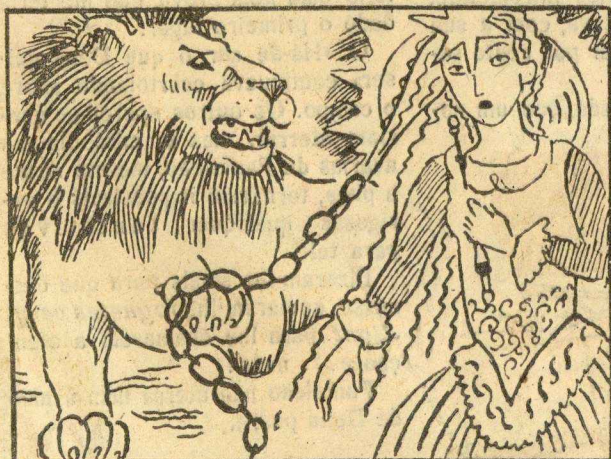


Agora, vou dizer-lhe quem é o velho corcunda que mora naquela torre: É o príncipe Florimundo, vosso noivo.

A família de macacos que Vossa Alteza ali vê, e todos os animais que vagueiam por este parque, são famílias roubadas aos seus lares. Agora, para reparar o mal que a fada praticou, vou aproveitar a oportunidade da sua ausência e torná-los a todos felizes!

Há apenas um perigo a vencer:

É a ferocidade dum leão que a minha madrinha tem por guarda aos seus domínios, quando ela está ausente. Mas a fera tem-me por amiga, e eu, abusando da sua cordalidade, vou prendê-la com dois



BANDEIRAS DE PORTUGAL

DESENHOS PARA COLORIR

No ano que passa, faz ottocentos anos que nasceu Portugal, devido à bravura de D. Afonso Henriques, e decorrem três séculos sobre a data da revolta contra o domínio dos Filipes. Comemoraram-se, pois, dois centenários: o da Fundação e o da Restauração, duas páginas da mais bela História do mundo.

Portugal, como as crianças, appareceu pequenino e, aparentemente, débil. Mas, com a graça de Deus, cresceu, amparado pelo pulso forte dos cavaleiros daqueles tempos remotos e, alargando sempre os seus domínios, ouviu, em Sagres, num penedo fantástico, vozes que o mar trazia de terras distantes e viu, entre as brumas, visões estranhas de longes mundos. Compreendeu que, para lá da espuma, havia o desconhecido e, com a cruz de Cristo nas velas dos seus barcos, troçando de lendas horríveis que andavam em bocas medrosas, fez-se ao longe.

Aos poucos, outros mundos surgiram e quasi toda a terra passou a ser portuguesa. Não havia areal nem rochedo, belgado pelas vagas, onde se não erguesse um padrao.

O nosso tão pequenino Portugal de outros tempos, fez-se grande pela sua expansão, feita com o sangue e as lágrimas de muitos heróis e mártires.

Passam anos. Em 1500, nasce o seu filho mais querido, que, séculos depois, já poderoso, se tornou independente. É o Brasil, hoje uma das maiores nações da América do Sul.

O tempo corre. Portugal não pode abarcar todo o terreno que descobrira com a sua ciência, conquistara com a sua espada e convencera com a sua cruz.

Passaram a outras mãos grandes domínios, mas era tal a influência da nossa Pátria que, séculos volvidos, ainda em muitas dessas regiões se fala e escreve o português.

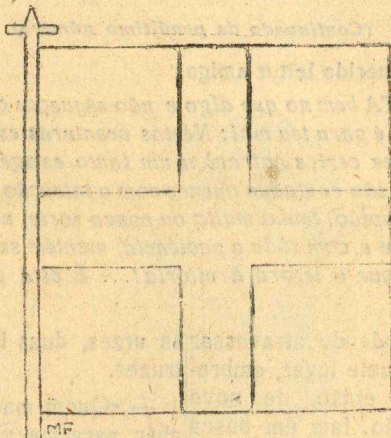
Em 1840, com o movimento da Restauração, Portugal mostrou que deseja ser sempre livre e, hoje, com ottocentos anos de vida, consegue mostrar a todas as outras nacionalidades, a fé em nossos destinos. Não somos pequenos, pois as colónias, ricas e prósperas, fazem de nós um grande império. Por isso, no ano que passa, peçamos a Deus que continue a ter sob a sua protecção a nossa querida Pátria.

Comemorando o Duplo Centenário, o «Pim-Pam-Pum» val proporcionar aos seus leitores uma distracção instrutiva.

Durante algumas semanas, este suplemento publicará sob o titulo «Bandeiras de Portugal», as bandeiras que têm sido usadas nos nossos castelos, sob a bênção radiosa do sol de Portugal.

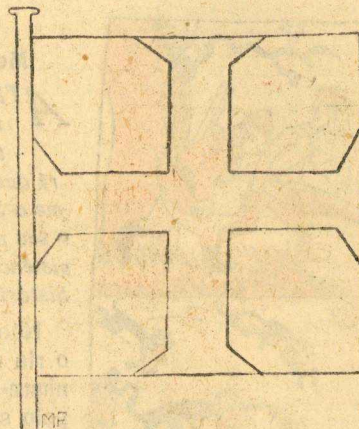
Os desenhos virão acompanhados da respectiva indicação das cores.

É mais uma iniciativa do nosso suplemento que, estamos certos, será recebida com o interesse de sempre.



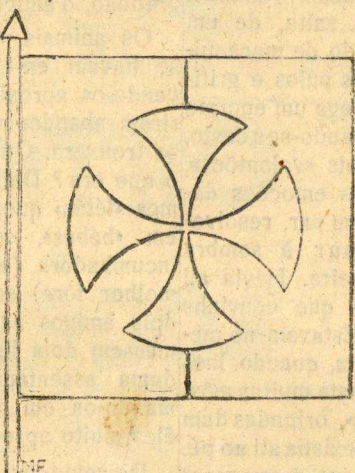
1 — Bandeira da Fundação

Como o nome indica, foi o primeiro pavilhão da nossa Terra. A cruz é azul e assenta sobre fundo branco (1128-1185.)



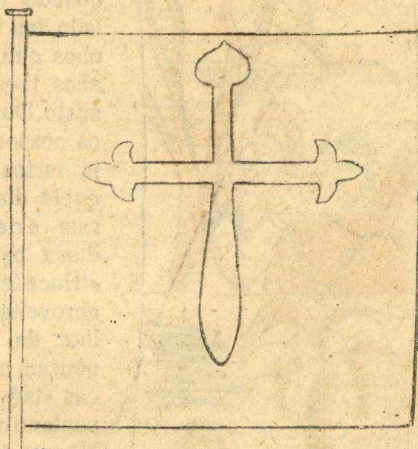
3 — Bandeira de S. João de Jerusalém

A bandeira da ordem de S. João de Jerusalém, é encarnada com a cruz branca.



2 — Balsão dos templários

A ordem militar do Templo, foi das que mais concorreram para a fundação de Portugal. O seu balsão é branco a esquerda e azul escuro à direita. A cruz é amarela.



4 — Bandeira de Santiago

Uma das ordens que tomou parte na conquista do território aos mouros. Cruz encarnada sobre fundo branco

cabelos da minha cabeça, que, sendo preciso, se tornarão mais fortes do que o aço.

E, reunindo todos os prisioneiros, passou-lhes uma varinha de condão sobre a cabeça, dizendo com um sorriso de pura felicidade:

— «Voltai ao vosso estado primitivo!!!»

A transformação foi momentânea.

Mas... há sempre um contratempo no meio da felicidade! Quando se trocaram abraços de parabens, no meio de lágrimas de consoladora esperança, appareceu no espaço o carro puxado pelos

cisnes, onde vinha a fada Furi-bundina.

Quando chegou a terra e viu a traição da afillhada, soltou gritos medonhos; e, dirigindo-se ao leão, disse-lhe com toda a força dos seus pulmões:

— «Avança, leão!!!»
— «Não avança, não!!!» — disse-lhe a fada Bemfazeja — os meus cabelos em corrente se farão!»

A assim aconteceu. Passados instantes, soaram ao longe, por entre a quebrada da montanha, alegres toques de clarins, annunciando que vinha próximo o exército do rei Abracadabra.

Então, a alegria chegou ao delírio; e a fada, para não assistir à sua derrota, meteu-se de novo no carro, e desapareceu por ares e nuvens, e os prisioneiros voltaram felizes para suas casas.

F

I

M

ADIVINHA PROVERBIOS

(Solução do numero anterior)

- 1 — Não é com vinagre que se apanham mósca.
- 2 — Nem tudo que luz é ouro.
- 3 — Patrão fóra, dia santo na loja.
- 4 — Ao menino e ao borracho põe-lhes Deus a mão por baixo.
- 5 — Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele.
- 6 — Quem espera desespera.

SERAPIÃO TRAPALHÃO EM VIAGEM PELO SERTÃO

Por ANTONIO FERREIRA DR SILVA — (LORD NICOLAU) —

(Continuado da penúltimo número)

Meu querido leitor amigo:

ATENTA bem no que digo e não esqueças o final, pois não é para teu mal: Nestas aventuras estranhas, há talvez certas patranhas um tanto exageradas, mas creio que te são contadas apenas com a intenção de mostrar que o Serapião, tenha muita ou pouca sorte, nunca altera o seu porte e, com toda a paciência, mantém sempre a persistência que o levará à vitória!... É esta a moral da história!

Não podendo atravessar o rio naquele lugar, embrenhara-se, então, de novo pelo sertão. Iam em busca da mina que o preto anunciara com visão «preclara», quando o Lucas o penteara, para evitar a chacina!

Pouco tinham andado, quando lhes salta, de um lado, um bando de macaquinhos que, aos pulos e gritinhos, lhes prega um enorme susto. Dominando-se a custo, os nossos dois «valentões», já fartos das emoções daquele dia sem par, resolveram acampar à sombra duma bananeira. Havia ali «trincadeira» que convinha aproveitar! Estavam no melhor da festa, quando lhes pousam na testa muitas mós-cas «tsé-tsé», oriundas dum pântano que existia ali ao pé. Não os largava a «macaca» (ou antes, a sorte velhaca) e, compreendendo o perigo, (isto é como lhes digo!) da doença do sono, nenhum deles se faz mônio, pondo-se logo a andar, antes que alguma picada lhes viesse transtornar a «gloriosa» cruzada!...

Era preciso avançar, até suar as estopinhas!

— «Ena que grandes galinhas!» — exclamou o Piegas (célebre «figaro» em Xabregas) avistando, entre

as urzes, duas lindas aves-truzes.

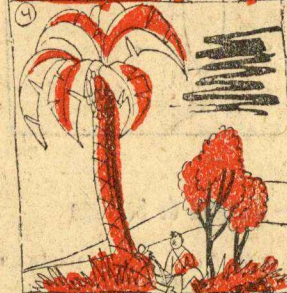
— «Quem mas dera apanhar para me poder enfeitar com aquelas ricas plumas!...»

— «Ah, se conseguisse algumas!...» — voltou, com gratidão, o amigo Serapião!

Os animais, porém, não se fiavam em ninguém e, vendo-os aproximar, preferiram abandonar o que ali os trouxera. Querem saber o que era? Dois grandíssimos «tétés» que o sol faria em «bébés», servindo de incubadora (o que talvez melhor fôra) se os nossos dois amigos não lhes chamassem dois figos, logo ali duma assentada, transformando-os em gemada, por eles muito apreciada.

Deixemo-los saborear aquele rico «manjar», depois da enorme estafa que por hoje apanharam. Para a semana há girafa!... Como sei que gostaram e nada me pesa o fardo, talvez haja leopardo também. Peçam, pois, à vossa Mãe (mas com bonita maneira) que, na próxima quinta-feira, lhes compre o «Pim-Pam-Pum»! Não custa; é só mais um!...

E até lá, leitores meus, um grande abraço e... adeus!



NO PRÓXIMO NÚMERO: — CONCURSO de LEGENDAS

— Decisão de Júri e novo Concurso —

OS OCULOS DO DR. FRITZ

★ ★ Por JULIO SARRIA ★ ★

ERA um desses dias de inverno tristes e frios. O céu londrino apresentava-se sombrio, carregado de nuvens que, ameaçadoramente, corriam de sul para norte, prestes a lançarem sobre a cidade toda a água que em si depositavam.

O nevoeiro, o eterno «fog», estendia por toda a parte o seu manto cinzento, e já uma chuva, miudinha e impertinente, humedecia os transeúntes que, pelos seus afazeres, eram obrigados a andar na rua. Só nós os dois — eu e Francis Carton — pesseávamos sosse-

gadamente, sentindo como que um secreto prazer em desobedecer às leis da natureza, que pareciam ordenar a todas as criaturas que recolhessem a casa. Seguíamos sempre, observando tudo com muita atenção e, longe de apressarmos o passo, antes pelo contrário, caminhávamos vagorosamente, detendo-nos, durante longo tempo, diante das «vitrines», a contemplar, talvez pela décima vez, os objectos expostos.

Ao estacarmos em frente duma montra cheia de óculos de todos os tamanhos e feitios, o meu amigo teve uma exclamação:

— «É verdade! Agora por óculos, lembra-me o incidente ocorrido com o Dr. Fritz, quando ele...»

Empurrei-o brandamente e, sem mais cerimónias, cortei:

— «Meu caro, peço-te que comeces pelo principio... Sou doido por incidentes... Conta, portanto, êsse...»

E, foi durante êste passeio pelas ruas de Londres, que eu ouvi Francis Carton narrar o incidente passado com o Dr. Fritz... Ouçamo-lo:

— «O motivo que me obrigou a procurar o Dr. Fritz, não me recorda agora. Sei apenas que foi em Hamburgo, no seu escritório ou laboratório, tal-

(Continua na página seguinte)



NO ANTRO ♦♦ DOS ♦♦ LEOPARDOS

(Continuado do número anterior)

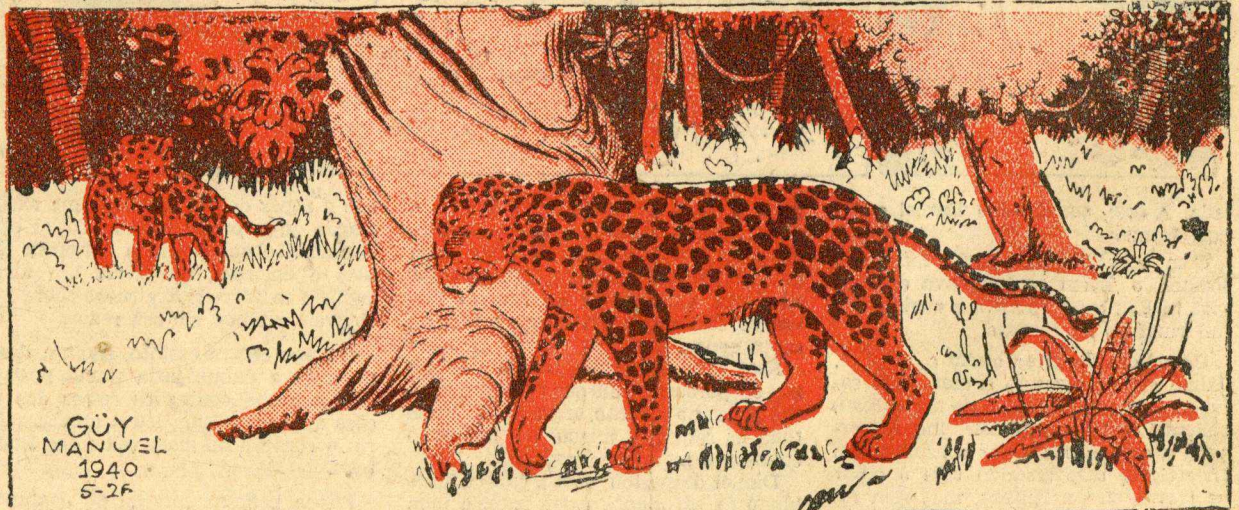
Era preciso franquear o caminho a machado, através de cipós e matos, espinhosos, e, a cada instante, aumenta-

vam os vestígios da passagem de numerosas feras, leões, rinocerontes, leopardos, porque o sítio era pantanoso e

os animais selvagens deviam vir beber água nos buracos.

Em breve, contudo, o terreno consolidava-se e rochas apareciam aqui e ali, misturadas com cactos espinhosos. Ainda restava ao pequeno grupo dois ou três quilómetros a transpôr antes de alcançar a base das colinas e, como o sol estava a esconder-se, decidiram passar a noite nos arredores.

Nyanja descobriu, em pouco tempo, uma minúscula clareira arenosa, dividida por montões de pedras e alguns arbustos. O acampamento foi levantado e um grande fogo brilhou em breve, onde se pôde fazer o jantar. Depois, cada um se cobriu com os seus cobertores, cabendo a Nyanja a primeira ve-



vez as duas coisas ao mesmo tempo, onde o sábio costumava passar grande parte do tempo, rodeado de produtos químicos e livros de estudo, que bastante o ajudavam nos diversos trabalhos e descobertas científicas.

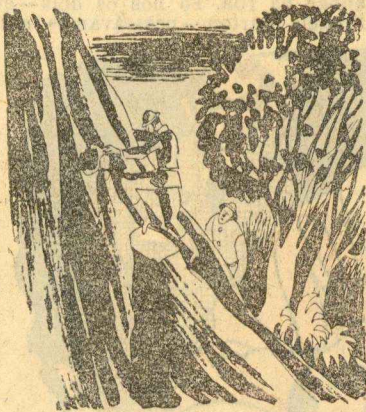
Sim, porque o Dr. Fritz não era um simples médico, encarregado de curar doentes com remédios descobertos por outros. Modesto, quase humilde, ele podia no entanto considerar-se um homem de valor e, embora sem publicidade espalhafatosa e reclamos exagerados, os seus produtos eram bem conhecidos e apreciados. Simpático, afável, conversador e dotado dum espírito fino e delicado, o Dr. Fritz era uma pessoa bem conservada, movendo-se com uma facilidade e um desembaraço, que ninguém lhe atribuiria os 60 anos que já lhe pesavam sobre os ombros.

O rosto grave e de feições inteligentes, era emoldurado por farta barba e bigode brancos. Embora vestindo sem elegância, emanava de toda a sua pessoa uma tal distinção, que atraía logo a simpatia e o respeito. O Dr. Fritz, sempre de bom-humor e otimista, apenas de uma coisa se queixava: ter a vista fraca.

De facto, sem óculos, sem os óculos escuros e grossos que nunca o abandonavam, o sábio alemão podia considerar-se quase cego. Era este, pode-se dizer, o seu único desgosto, a sua única preocupação, pois que prejudicava um pouco os trabalhos a que se entregava, no intuito de descobrir um medicamento que debelasse os desastrosos efeitos duma doença que, naquêlo

tempo, alastrava por quasi toda a Alemanha. Não fôra isso, e seria um homem completamente feliz.

Certo dia, porém, fui encontrá-lo mais atarefado do que habitualmente, e dando mostras de grande agitação. Visava e revisava, entre os dedos, uma planta de formas esquisitas e que parecia estar a analisar com extremos de



cuidado. Assim que me viu, correu ao meu encontro, explicando que era uma espécie rara de flor, enviada da América e que, após os exames a que a submetiera, estava certo de que podia ser aplicada, com resultados favoráveis, ao produto que ele se propunha descobrir.

E, desde aí, uma ideia começou a germinar no cérebro do Dr. Fritz: partir

para a América, onde podia, com mais facilidade, procurar o que desejava. Tão insistente ela se tornou que, um dia, não podendo resistir mais a esse ardente desejo, veio pedir-me para o acompanhar.

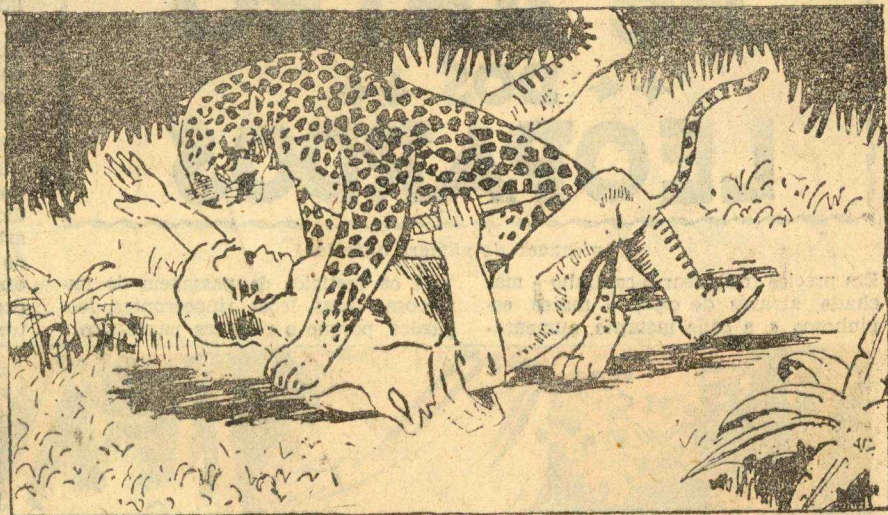
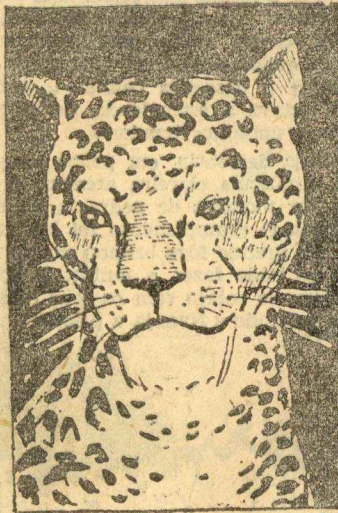
Aceitei, embora contrariado. Duvidava muito da eficácia dessa flor mas, como verdadeiro amigo, não queria abandonar o sábio alemão e, muito menos, deixar de aceder ao seu pedido.

Por isso embarquei com ele e, uma manhã, depois de uma viagem sem incidentes, avistámos as costas americanas. Chegámos a terra, numa pressa febril, o Dr. Fritz contratou logo dois homens para nos guiarem à região onde, dizia, existiam essas plantas mágicas. Eram dois rapazes robustos e que pareciam espertos, chamando-se um Pollard e outro Barrow.

No dia seguinte partiamos os quatro e, após duas semanas de marchas forçadas através de caminhos escabrosos e difíceis, atingimos as proximidades dos montes Alleghan. Fizemos alto numa região deserta e cheia de pequenas elevações mas de tal forma talhadas a pique, que, em caso de necessidade, seria difícil, senão impossível, alcançar o cume.

Durante todo o dia o Dr. Fritz se ocupou em profundas e demoradas pesquisas mas, infelizmente, chegou a a noite sem ele encontrar qualquer coisa que o satisfizesse e, desiludido e cansado, o sábio mal tocou nos alçofões, adormecendo logo que se apANHOU em cima das mantas que lhe

(Continua na página 8)



lada. A este, sucedeu-lhe Daniel e depois Jaime.

Com a espingarda atravessada nos joelhos, o jovem contemplava as chamas brilhantes e apurava o ouvido, aos mil rumores da floresta.

Uma hora decorreu assim e, por fim, Jaime estava cedendo a uma vaga sonolência, quando o ruído de um calhau, rolando muito perto dele, lhe fez erguer a cabeça e agarrar a espingarda. Investigou, atravessando com o olhar as trevas circunvizinhas, mas sem resultado, pois não distinguiu nada de suspeito.

Sentou-se, de novo, junto do lume,

para o qual se inclinou, a-fim-de o aticar; nêsse momento, porém, sentiu qualquer coisa húmida e mole, com odor enjoativo, aplicada, súbitamente, no rosto. Quis gritar de raiva e terror, arrancar essa máscara, agarrar na espingarda...

Mas uma sufocação penosa imobilizou-o, parecendo-lhe que tudo girava à sua roda; no entanto, antes de perder de todo os sentidos, julgou ver um rosto conhecido inclinar-se para ele.

Daniel despertou, com a cabeça zumbindo de tal maneira que parecia uma nave de igreja num domingo de Páscoa. O sol, tórrido e implacável, tostava tudo e já estava tão alto, no céu,

que o rapaz deixou escapar uma exclamação de surpresa; e foi ao soltar essa exclamação que sentiu a garganta tão seca e dolorosa, que seria um atroz suplício se falasse. Ergueu-se sobre um cotovelo e olhou em seu redor.

O lume estava extinto, Nyanja desaparecera e Jaime jazia numa posição extravagante, contra os restos dos tições apagados. Uma louca angústia feriu o coração do mais velho dos Bourteau.

Pôs-se pensamente de pé e aproximou-se do corpo imóvel, chamando meigamente. Nenhuma resposta recebeu... Ajoelhando-se, apoiou a mão sobre

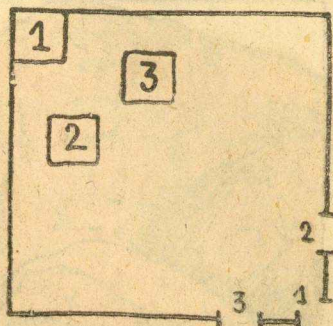
PANTALEÃO PEQUENO PROBLEMA

(Continuado da primeira página)

Por fim, o campeão, cercado de aparelhos por todos os lados, mal podia mover-se no espaço vital — e resolveu-se, finalmente, a interromper a macabra contradança, e aterrou. O aparelho foi imediatamente rodeado por todos os membros do Júri, concorrentes, autoridades, ambulância e muito povo, pois era voz geral que o nosso homem tinha enlouquecido ou perdido a serenidade no espaço. Mas Pataleão Pequeno, sem se apressar e mais sereno e macareno do que nunca, despe a

combinação de vôo, na carlinga, desce do avião com o seu inconfundível fraque e, de chapéu de côco na mão, saudando jovialmente todos os presentes, explica com o seu melhor sorriso:

— «Estou-lhes imensamente agradecido, senhores! Tanta bondade a vossa em prepararem-me uma tão agradável surpresa. Nunca supuz que a finalidade do vosso Rallye fôsse a de juntar à minha volta tantos aparelhos, para apreciarem o meu último fox-trot dançado de avião!...»



Como ligar a casa 1 com o portão 1, a 2 com 2 e a 3 com o 3 por caminhos que não se cruzem?

Fazer 4 quadrados com 12 fósforos.

Vêr as soluções no próximo número.

o peito de Jaime. O coração batia, apressadamente.

Daniel procurou reunir as suas ideias muito confusas, enquanto sacudia o irmão que não dava sinal de si. Esse só não era natural. Ele próprio experimentava um mal-estar penoso e tinha acordado tão tarde! Porque seria que Nyanja desaparecera?

E eis que, pouco a pouco, uma convicção lhe surgiu. Descobriu que as suas duas espingardas e o seu próprio revólver tinham sido roubados. E, por fim, remexendo as algibeiras, viu que o mapa onde estava marcada a posição da gruta, o fim da sua expedição, fôra também subtraído. Pensou logo que Nyanja devia ser o culpado. No entanto, o indígena tinha-se mostrado sempre, durante a viagem, dum a dedicação e fidelidade a toda a prova. Certamente, a cobiça tinha acabado por o vencer; os diamantes tinham-no por certo tentado!...

Nesse momento, Jaime agitou-se. Depois abriu os olhos e logo que o irmão mais velho o viu em estado de compreender, deu-lhe parte da situação. Porém, o mais novo dos Bourteau sacudiu a cabeça, quando Daniel se referiu a Nyanja.

— «Lembro-me,—disse êle com a voz trémula, porque sentia que um novo acesso de febre o atacava,—lembro-me agora... Reconheci a cara de Potter inclinada sobre a minha, e a máscara húmida, devia ser, era seguramente, de clorofórmio...»

Daniel teve um brusco gesto de surpresa e de cólera.

— «O doutor... Clorofórmio?... Tudo se explica, agora, perfeitamente. E Nyanja, êsse hipócrita, deve ser seu cúmplice. Nós sômos dois perfeitos imbecis! Mas não se troça assim de mim. Ambos o pagarão e... se os diamantes estão neste momento em seu poder, talvez o não estejam por muito tempo. Entretanto, partamos a caminho da gruta! É preciso dar conta do que se tem passado.»

— «Esqueces-te que estamos sem de-

fesa, murmurou Jaime; os miseráveis tiveram o cuidado de nos levar as nossas armas.»

— «Resta-me a minha grande faca de caça, retorquiu o mais velho. Coragem e à frente!»

Partiram depois de ter comido alguns biscoitos, Daniel, carregando com toda a bagagem, enquanto Jaime se revestia de toda a sua coragem para o seguir.

Desgraçadamente, a febre foi mais forte do que a sua vontade, fazendo-o cair quando lhes faltava apenas uma curta distância a percorrer.

Daniel, largando o seu fardo e mal-dizendo o destino, correu em socorro do irmão.

Colocou-lhe um rolo de coberturas sob a nuca e, quando lhe estava fazendo beber algumas gôtas de água da sua cabaça, ouviu, atrás de si, um mexer de ramos.

Daniel levantou-se e voltou-se precipitadamente, arrancando a faca do cinto.

Teve a visão rápida duma cabeça de leopardo, goela aberta, orelhas caídas, corpo malhado e sentado sobre as patas trazeiras; depois, o animal saltou como uma mola, atravessando o espaço, para cair sobre a presa cobiçada.

Daniel teve unicamente o tempo preciso para reflectir. Deu um salto para o lado, para evitar ser atingido pelas terríveis garras, mas fê-lo com o braço levantado. A lâmina feriu a fera com ardor e... escapou dos dedos de Daniel, ficando enterrada no flanco do animal feroz.

Uma muda prece subiu do coração do pobre jovem, para o céu. Contanto que a ferida fôsse mortal! Porque nada é mais perigoso do que uma tal fera enraivecida pela dor. E Jaime estava ali, ao seu alcance, incapaz de fazer um movimento!...

Contudo, o animal, depois de ter volteado um segundo, caiu a alguns metros apenas do mais novo dos irmãos, cujos olhos, aumentados pelo pavor, seguiam esta cena trágica.

Com as faces purpuradas, fez um esforço para se levantar, na intenção, não de fugir, mas de lutar ao lado do irmão, porque, nesse instante, um segundo leopardo aparecia, de pupilas luzentes, chispando clarões, enquanto a cauda magnífica chicoteava o ar, rugindo surdamente.

Daniel não tinha armas! Heróicamente deu uns passos à frente, afrontando uma luta homérica, para salvar o doente, que jazia de novo, impotente e soluçando, sobre o solo. E já julgava sentir toda a sua carne despedaçada pelas queixadas cruéis, quando...

Um silvo agudo atravessou o ar. A segunda fera deu um salto fantástico e veio cair aos pés de Bourteau, com uma lança atravessada de lado a lado. E Nyanja, ofegante, apareceu atrás dêle.

— «Oh! obrigado, obrigado! exclamou Daniel, salvaste-nos a ambos. Mas donde vens tu?»

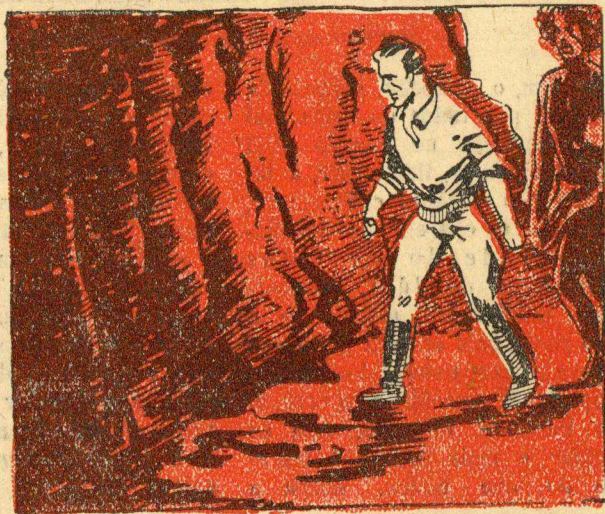
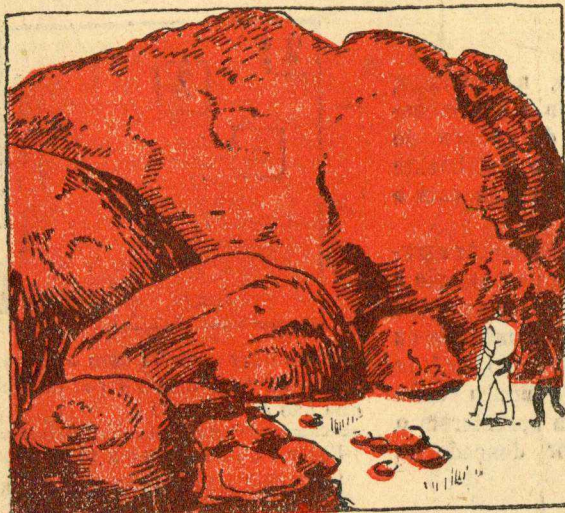
Um grande sorriso surgiu na bôca do preto.

— «Eu muito contente, chefe, de os ver vivos. Parti depois mau doutor, demónio ter vindo ao acompanhamento esta noite... Ele ter entrado na gruta dos diamantes e como êle não sair e eu não poder entrar, porque êle tinha todas as espingardas e mim nada mais que a minha lança, mim rolou grossa pedra diante gruta e êle não mais poder escapar, agora.»

— «Entendes isto? disse Daniel rindo e chorando quasi ao mesmo tempo, dirigindo-se ao irmão. Potter ficou bloqueado na caverna, graças à astúcia dêste valente Nyanja, de quem eu suspeitava tão injustamente. Meu pobre Jaime, coragem! Espera aqui, sob a guarda do nosso guia. Eu vou entrevisitar êsse tratante do doutor.»

Apenas estas palavras tinham sido pronunciadas, ouviu-se uma detonação vinda do lado da colina, seguida dum horrível grito humano, e logo após, outro tiro de espingarda.

Maquinalmente, Daniel e Nyanja



correram para a entrada da gruta, Nyanja agitando a sua lança e o europeu agarrando o cabo da sua faca. Quando eles alcançaram a abertura,

em grande parte fechada pela enorme dra, Burteau apurou o ouvido; porém, o silêncio mais profundo reinava agora na cavidade.

— «Que fazer?» murmurou o jovem.

(Continua no próximo número)

OS OCULOS DO DR. FRITZ (Continuado da página 6)

serviam de leite. Polland e Barlow também não tardaram em recolher às tendas e eu, igualmente moido, segui-lhes o exemplo, caindo num sono tão pesado que parecia chumbo.

Quanto tempo dormi? Não sei. O certo é que despertei ao som dum grito, ou, melhor, dum uivo agudo e prolongado, que me fez gelar o sangue nas veias. Quasi logo pareceu-me ouvir um bater de asas.

Aturdido, saltei do leite para fóra. Estava uma noite linda e um luar magnifico banhava, com a sua luz prateada, os cumes dos montes que pareciam ficar envoltos numa auréola radiosa. Dir-se-ia até que a manhã começava já a despertar, e que era o Sol que lançava os seus raios, embora ainda tênues, por sobre a montanha adormecida. Eu, à entrada do acampamento, parara indeciso, sem encontrar explicação para aquele grito estranho que vinha perturbar o silêncio daquela noite serena e bela.

Mas, súbitamente, um novo grasnar, mais forte ainda do que o primeiro, fez-me erguer a cabeça e, recortando-se sob o fundo claro do céu, vi uma ave de grandes proporções, toda negra, esvoaçar num círculo largo, à roda do cume de um monte. Quasi sem querer murmurei:

— «Um abutre!»

Era realmente essa agourenta ave e o facto de ela rondar o acampamento, encheu-me de nervosismo.

Entrei na tenda do Dr. Fritz. O sábio, sentado na cama, procurava qualquer coisa com as mãos, qualquer coisa que não aparecia. Estava sem óculos e, portanto, não devia ver nada.

— «Falta-lhe alguma coisa, doutor?»

— perguntei.

— «Os óculos!» — respondeu-me.

Procurei-os também, mas foi em vão. Em nenhuma parte eles se encontravam.

O Dr. Fritz explicou: deitara-se e colocara os óculos ao lado. Há pouco acordara ao ouvir um grito estranho, e já jurar que sentira umas penas roçarem-lhe, ao de leve, o rosto. Sentara-se então na cama, mas já não encontrara os óculos.

Eu estava aflito. Barlow e Polland, também a pé, não sabiam que fazer, hesitando em tomar uma resolução. Só havia uma explicação para o sucedido: fóra o abutre que levava os óculos do Dr. Fritz. Sim, porque já não podiam restar dúvidas de que a agourenta ave entrara na tenda, estivera junto do sábio, mesmo junto à sua cabeceira. Fomos para fóra.

O abutre estava em cima do monte, imóvel e silencioso. Tive a impressão de que nos olhava de soslaio, rindo-se do nosso desespero.



Barlow lembrou, então, que talvez os óculos se encontrassem lá em cima, e propôs-se ir verificar. Eu resolvi acompanhá-lo. A subida seria difícil porque a elevação, embora não fosse muito alta, era no entanto tão íngreme, que só uma pessoa dotada de grande sangue-frio conseguiria atingir o cume. O Dr. Fritz, que conhecia perfeitamente os perigos que iam nos correr, tentou opôr-se por todas as formas, porém a nossa resolução era inabalável. Deixando Polland de guarda ao sábio, não lhe fôsse suceder algum

mal, eu e Barlow iniciámos a ascensão. Não há palavras que possam descrever o que foi essa subida, emocionante e perigosa. Por diversas vezes sentimos os pés resvalarem nas rochas e, outras tantas, julgamos ser precipitados no espaço. Uma angústia crescente se apoderava de nós.

Cá em baixo, Polland observava as diversas fases da subida, com a emoção que facilmente se pode imaginar, e até o próprio Dr. Fritz parecia ver-nos, tal a comoção que se lhe desenhava no rosto.

A meio do caminho outro perigo surgiu. O abutre levantava voo, e vinha atacar-nos com as suas garras aduncas. Enquanto Barlow se defendia o melhor possível, e Polland, lá de baixo, disparava sem cessar mas, infelizmente, errando o alvo, eu trepava rapidamente, procurando atingir, sem demoras, o cimo.

E, finalmente, consegui lá chegar. Um grito de alegria escapou-me dos lábios. Os óculos do Dr. Fritz, os óculos escuros e grossos, estavam na minha frente. Exceptuando um vidro rachado, o abutre em nada os danificara. Portanto, satisfeito, meti-os no bolso, e principiei a descer.

Dentro de vinte minutos, a-pesar das dificuldades que se me apresentavam na descida, eu estava de novo cá em baixo. E certo que vinha alquebrado, coberto de suor e com o fato esfarrapado; porém imensamente feliz por ter ocasião de restituir os preciosos óculos ao Dr. Fritz.

Barlow também conseguira descer, pois que o abutre, atingido de raspão por uma bala que Polland lhe enviara, entendera por bem largar a presa e, grasnando furiosamente, desaparecera.

Nesta altura o meu amigo fez uma pausa. Depois continuou:

— «Agora o epílogo: dois dias depois, a enfadonha ave tornou a vir fazer-nos uma visita. Eu, porém, não a deixei repetir a proeza. Muni-me rapidamente da carabina e fiz fogo. O abutre caiu para não mais se levantar, e o incidente dos óculos ficou por aqui...»